História da Arte

Educação a Distância
Cruzeiro do Sul Educacional
Campus Virtual

Material Teórico

A Idade da Fé

Responsável pelo Conteúdo:
Prof. Ms. Maria José Spiteri

Revisão Textual:
Prof. Ms. Magnólia Gonçalves Mangolin

UNIDADE A Idade da Fé

- Um Pouco do Contexto
- A Arte no Período Carolíngio
- O Período Otoniano
- Arte Românica
- A Arte Gótica e a era das Catedrais

Objetivo de APRENDIZADO

Nesta unidade trataremos a respeito da Idade da Fé. Abordaremos o tema da arte durante a Idade Média, com ênfase à produção dos povos do Ocidente. Veremos aqui como a arte do Ocidente foi influenciada pela pluralidade cultural de que se revestiu a Europa, a partir das invasões bárbaras, e como a Igreja consolidada centralizou conhecimentos e muitas das ações relacionadas à própria Arte.

Como fundamentação teórica temos os trabalhos dos Historiadores da Arte Arnold Hauser, Ernest Gombrich, H. W. Janson e Anthony F. Janson, entre outros que baseiam seus estudos na relação entre a Arte e a Sociedade.

Ao longo desta unidade, você também perceberá que na História da Arte os conhecimentos não são fechados e estanques, mas sim dinâmicos - o que faz com que em épocas diferentes artistas possam recorrer a tradições do passado.

Além da bibliografia indicada ao final do texto teórico, selecionamos alguns filmes e documentários que poderão ajudá-lo a compreender melhor os conteúdos tratados nesta unidade; basta consultar o nosso material complementar.

É importante também que, ao final dos estudos, você realize todas as atividades propostas. Esta é uma maneira de você rever e ampliar os seus conhecimentos a respeito dos conteúdos abordados.

Desejamos a você um ótimo estudo e, se tiver alguma dúvida, entre em contato com o tutor através do ambiente virtual de aprendizagem.

Contextualização

Nesta unidade vamos estudar as relações entre a arte e a sociedade medieval no Ocidente.

A desestruturação do Império Romano teve uma série de consequências que se fizeram sentir na política, na economia, na estrutura social e na Arte.

A presença da Igreja foi marcante nesse contexto. Estabelecendo laços de poder entre o sul e o norte do continente, por meio do apoio a reis, a Igreja se manteve estável e centralizadora sobretudo no que diz respeito ao monopólio intelectual.

O teocentrismo (Deus no centro de tudo) norteou o pensamento medieval. A fé se tornou um elemento fundamental para a sociedade feudal, na qual tudo se justificaria pela vontade divino manifestada por meio de seus representantes na Terra.

São marcas desse período a plena convicção de que a Bíblia concentrava todas as diretrizes para a vida terrena, a crença na autoridade dos religiosos como detentores da verdade e o tradicionalismo (a novidade poderia ser um crime).

Para os artistas, por séculos a natureza esteve longe de suas preocupações. A arte do mundo medieval cristão procurou se afastar das representações naturalistas desenvolvidas pela Antiguidade Clássica e pagã. O significado era mais importante do que a própria forma.

Esse cenário começa a se transformar a partir do século XIII com algumas mudanças, entre elas, a criação das Universidades (a de Bolonha, na Itália, foi a primeira delas, em 1088), o aumento das rotas comerciais, o ressurgimento das cidades e como consequência a desestruturação do sistema feudal.

Para o momento de contextualização sugerimos a leitura de dois textos:

- **Texto 1:** GOMBRICH, E. H. **História da Arte.** 16ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999 (leitura do 8º ao 11º capitulo).

  Nestes capítulos E. Gombrich nos convida a um percurso pela História da Arte, apresentando de maneira clara um panorama a cerca do mundo medieval e da realidade artística e cultural de que ele se revestiu.

- **Texto 2:** JANSON, H.W., JANSON, A. F., E. **Introdução à História da Arte.** 3a. ed. WMF São Paulo: Martins Fontes, 2009. (Leitura: Segunda Parte: A Idade Média – A Alta Idade Média no Ocidente; Arte Românica; Cidades, catedrais e arte gótica; Terceira Parte: A pintura do Gótico Tardio ao norte dos Alpes)

  Nestes capítulos E. Gombrich e H. W. Janson e A. F. Janson nos convidam a um percurso pela História da Arte, apresentando de maneira clara um panorama a cerca do mundo medieval e da realidade artística e cultural de que ele se revestiu.

- **O Nome da Rosa.** Dir.: Jean-Jacques Annaud. França, Itália, Alemanha. Warner, 1986. (1DVD) 131min.

  Filme baseado no romance homônimo do filósofo italiano Humberto Eco. Trata a respeito de uma investigação realizada em um mosteiro beneditino durante o século XIV. A reconstituição dos ambientes é primorosa, apresentando o cotidiano da vida monástica, o ambiente das bibliotecas dos mosteiros e o trabalhos dos copistas (monges que se dedicavam à reprodução de livros) e daqueles que se dedicavam à produção de iluminuras.

Um Pouco do Contexto

Ao estudar o período da Idade Média, é muito comum escutar termos como "Idade das Trevas". Porém, seria conveniente pensar nesse termo apenas como um rótulo, um apelido e que nem sempre corresponderá à verdade, pois erroneamente ele nos conduz a uma ideia de que na Idade Média nada aconteceu e que as pessoas teriam ficado "imersas" em um vazio absoluto, uma escuridão total. E não foi bem assim...

É verdade que entre o século I e o século V d.C., muitas coisas mudaram na Europa.

Vale lembrar que nos primeiros tempos da era cristã, aqueles que defendiam as ideias de Cristo foram perseguidos pelo Império Romano. No entanto, entre 312 e 337 d.C., o imperador Constantino determinou que o Cristianismo seria a religião oficial do Império e a partir daí, tudo se transformou.

Oficializando-se essa fé, que até então era pregada na clandestinidade, os cristãos ganharam espaços públicos, construídos especialmente para os ofícios religiosos e a primitiva arte cristã saiu das catacumbas para ocupar os espaços das basílicas, sob a forma de mosaicos que representavam as figuras sagradas e os governantes.

A partir desse momento muitos elementos ligados à cultura pagã ganharam novos significados, transformando-se em símbolos dessa nova fé, como é o caso do peixe, o cacho de uvas, o sol, entre outros.

O ano de 476 d.C. marcou o calendário da História do Ocidente: foi a queda do Império Romano do Ocidente, com a tomada de Roma por povos provenientes do Norte europeu. Vale lembrar que as regiões ocupadas pelos romanos no Oriente continuaram constituindo um império, com sede na cidade de Bizâncio (Constantinopla)[1].

Essa invasão dos territórios romanos ocidentais se deu pela chegada de diferentes populações nômades, provenientes do Norte e Leste, como (mongóis, vândalos, francos, germânicos, entre outros, e que ficaram conhecidos como "bárbaros" por não terem os mesmos costumes sócio-político-culturais dos romanos). Ao conquistar as regiões originalmente ocupadas pelo Império Romano esses povos assimilavam a cultura local (de base cristã), mesclando-a a sua própria cultura.

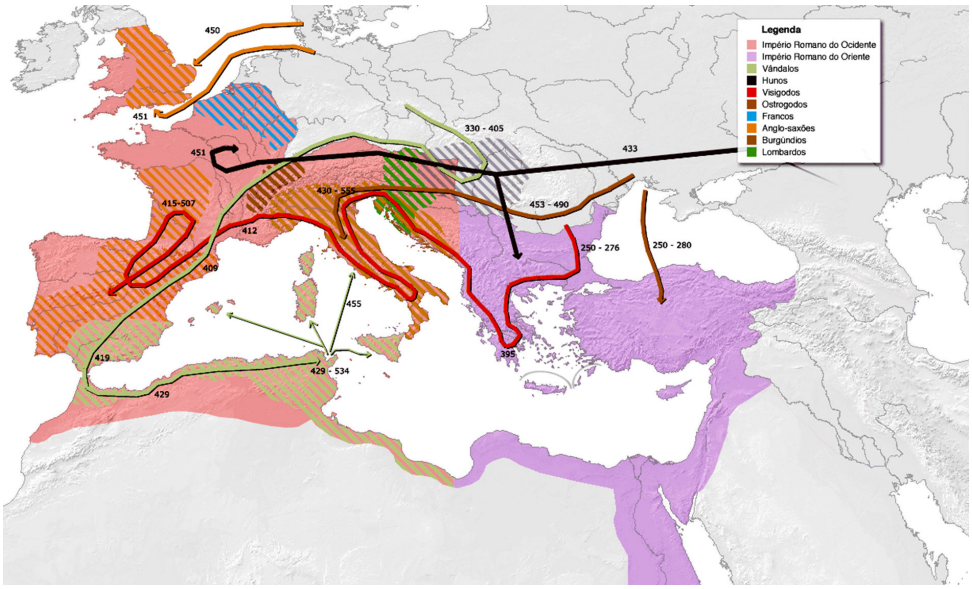

Figura 1: As invasões bárbaras.
Fonte: Wikimedia Commons.

1 Posteriormente essa cidade passa a ser chamada de Constantinopla, e hoje é Istambul.

Veja no mapa as trajetórias dos povos nômades invadindo os territórios originalmente ocupados pelo Império Romano. As cores diferenciam cada um dos povos e os números indicam o ano ou período em que invadiram as regiões dos romanos.

Uma das contribuições dos povos invasores para a arte medieval, sobretudo dos nômades provenientes do Leste europeu, foi o estilo animalista em uma combinação entre formas orgânicas e abstratas. Essas formas foram incorporadas à ornamentação de objetos com diferentes fins (principalmente joias, armas e objetos litúrgicos, entre outros) executados nos mais diversos materiais: metal, madeira, têxteis etc., como na fivela que vemos na figura a seguir. Utilizada para prender o manto sobre o ombro, esta peça era parte de um conjunto que provavelmente pertenceu a um rei saxão e foi encontrado em Sutton Hoo, na Inglaterra.

Figura 2: Fivela para manto – ouro e esmaltação cloisonée.
Fonte: Aiwok/Wikimedia Commons.

Essas tendências ornamentais eram bastante diferentes daquela seguida pelos greco-romanos de direcionamento naturalista.

Gradativamente o repertório desses povos pagãos se misturou ao dos cristãos. Veja o exemplar na figura a seguir. Trata-se de uma cruz de ouro com pedras engastadas. Pertenceu provavelmente a Augilulfo, duque de Turim, remontando às obras dos lombardos (norte da Itália), do século VII. Já a coroa de ferro, segundo a lenda, o aro que a reveste internamente teria sido confeccionado com os pregos da crucificação de Jesus e por isso passou a ser tratada como relíquia. Até o século XIX, todos os reis italianos foram coroados com esta peça.

Figura 3: Cruz de Agilulfo.
Fonte: Wikimedia Commons.

Figura 4: Coroa de ferro, com esmaltes e pedras. Sec. VI – Lombardia. Moza, It, Museu do Duomo..
Fonte: James Steakley/Wikimedia Commons.

Conforme Gombrich (1999, p. 157 a 160) é interessante notar que embora as peças mostrem uma grande habilidade técnica dos artistas ligados aos nômades no uso das formas abstratas o mesmo não se dava quando trabalhavam com as formas humanas: esses povos, diferentemente dos greco-romanos, não tinham uma tradição de realizar representações naturalistas, geraram algumas dificuldades em se adaptar às necessidades do cristianismo, resultando, portanto, em desenhos bastante simplificados. Seria um erro, porém, considerar que as suas obras fossem rudimentares.

Quanto às trocas entre diferentes culturas, um caso particular foi o dos irlandeses que, embora não fizessem parte do antigo Império Romano, foram profundamente influenciados pelos ensinamentos dos missionários cristãos do sul da Europa e abraçando essa nova fé (a do cristianismo) passou a difundi-la por diferentes localidades como as que hoje correspondem à França, a Holanda e a Alemanha. A arte esteve profundamente ligada a esse processo de difusão das novas crenças: os livros sagrados, como a Bíblia, eram copiados manualmente e ricamente ilustrados.

Figura 5: Livro de Kells ou Evangelho de São Columba – fólio 7 – Iluminura de Nossa Senhora com o Menino – Biblioteca do Trinity College, Dublin, Irlanda.

Essas ilustrações, que se tornaram uma marca dos textos desse período, são conhecidas como iluminuras.

Durante a Idade Média os livros eram copiados, em geral por monges especializados. Amplamente utilizadas para a ilustração dos manuscritos sagrados reproduzidos artesanalmente nesse período (a imprensa surge somente com Guttemberg, no século XV), as iluminuras ou "miniaturas" (representações em pequenas dimensões) registravam imagens que traduziam por meio de formas as cenas descritas pelos textos. Um cuidado especial era conferido às letras que iniciavam a primeira palavra de cada capítulo, às quais passaram a denominar capitulares (vale lembrar que ao contrário da escrita oriental, que se baseava nos ideogramas, a escrita ocidental difundida em todo o Império Romano se baseava no sistema silábico).

Figura 6: Entre as mais belas peças desse período estão os Evangelhos de Lindisfarne, de 700 d.C. – hoje no Museu Britânico.

Os religiosos acreditavam que o objeto sagrado (livros, objetos litúrgicos etc.) deveria ser um reflexo da beleza divina e, assim, dedicavam uma grande atenção à sua produção, utilizando os mais preciosos materiais e técnicas, o que se estendia também às capas de Bíblias e livros de orações que, em geral, era de ouro ou prata, com aplicações de esmaltes e pedras preciosas incrustadas.

A Arte no Período Carolíngio

Um novo impacto gerou verdadeiras transformações na civilização romana cristã após o século VII d.C., quando os povos árabes ligados aos Islã se lançam em direção ao Ocidente, invadindo o Norte da África e alguns territórios no Mediterrâneo. Os mouros, como eram chamados os povos islâmicos, deixaram muitas contribuições para a cultura de todos os locais por onde passaram, como ocorreu na Península Ibérica, onde permaneceram por cerca de 8 séculos.

A Europa, nesse momento, já não contava com o apoio do Império Bizantino e a reação a tantas ameaças, sobretudo a das invasões provenientes do sul, foi a de construir novas alianças. No final do século VIII d.C. a Igreja do Ocidente buscou um apoio junto ao norte germânico e, para tanto, em 800 d.C. o Papa Leão III sagrou imperador Carlos Magno, o rei dos francos e dos lombardos. Esse procedimento também vai diferenciar Oriente e Ocidente: no Ocidente, quem passa a ratificar o poder do governante é a Igreja, enquanto que no universo bizantino era o imperador quem ratificava o poder religioso dos papas.

O império carolíngio teve sua sede na cidade de Aachen e não mais em Roma, porém Carlos Magno apoiava-se nos modelos políticos e culturais deixados pela civilização romana e, nesse sentido, apoiou as artes e a cultura. As construções romanas serviram-lhe de inspiração para a construção de algumas de suas grandes obras, como a Capela do seu Palácio, em Aachen, que teve como base a Igreja de San Vitale, de Ravena.

Figura 7: Capela do Palácio, em Aachen.
Fonte: Tobias Helfrich/Wikimedia Commons.

O reinado foi marcado por uma grande atividade intelectual nas áreas das letras, artes e educação, abrindo escolas, mosteiros e incentivando a cópia e tradução de manuscritos antigos. Foi, ainda, responsável pela expansão do cristianismo na Europa, e o ressurgimento da arte antiga grego-romana.

Informação

O interesse de Carlos Magno pela cultura clássica foi tanto que durante seu reinado apoiou a compilação e cópia de toda a antiga literatura romana.

Nessa mesma época surgem os traçados básicos para os mosteiros de religiosos que se multiplicaram por toda a Idade Média, com instalações específicas para os ofícios religiosos, moradia, alimentação, acomodações para hóspedes, cemitério, jardins e áreas para criação de animais, oficinas, celeiros e outros espaços de trabalho.

Grande parte da produção artística do período carolíngio (murais, mosaicos, relevos) estava em suas igrejas e foi perdida em guerras e outras depredações do patrimônio. Os registros dessa produção ficaram apenas nos textos preservados sobretudo nas bibliotecas desses mosteiros.

Até o século V d.C. permanecia na Europa uma aristocracia culta e habituada aos assuntos artísticos e literários. No entanto, a partir do século VI d.C., as novas elites eram incultas e desinformadas; a Igreja foi a única a manter o ensino (para a formação do clero) adquirindo assim o monopólio da educação, o que lhe permitiu enorme influência na Europa.

Na Idade Média, as oficinas dos mosteiros foram as "escolas de arte", formando jovens artistas para o trabalho nos mosteiros e catedrais.

O interesse de Carlos Magno pela cultura clássica se reflete até mesmo nas iluminuras que durante o se reinado apresentaram maior proximidade com a arte greco-romana.

Os livros sagrados, tratados como verdadeiras joias, apresentavam capas ricamente trabalhadas com ouro, prata, esmaltes e pedras preciosas (Figura 8).

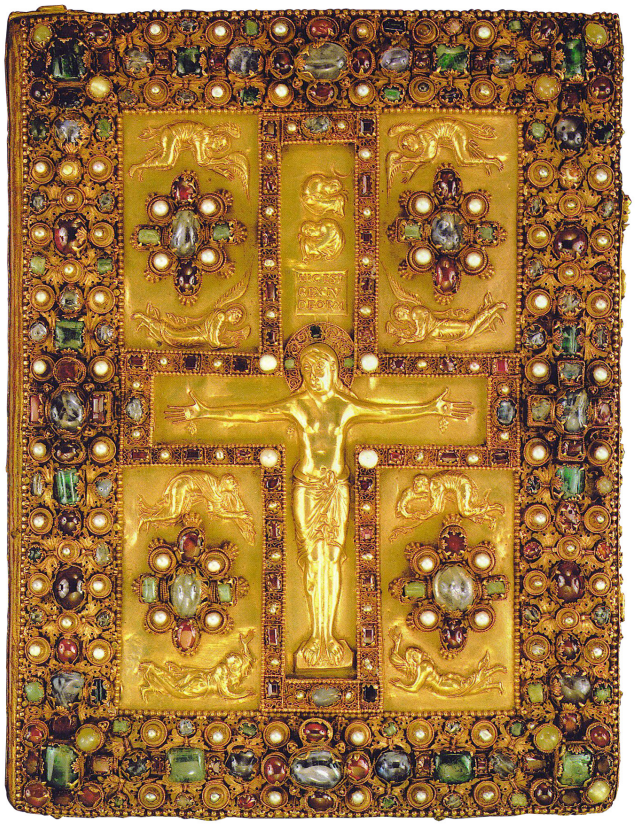

Figura 8: Frontispício dos Evangelhos de Lindau. C. 870 d.C. Ouro e pedras preciosas. 35 x 26cm - Morgan Pierpont Library – Nova Iorque.

O Período Otoniano

No século X morreu Luís V, o último imperador carolíngio. Nessa época, os reis saxões restabeleceram a centralização do poder. Oto I amplia ainda mais o seu poder casando-se com a viúva do rei dos lombardos, passando a governar o que é hoje parte da Itália.

Durante o período otoniano as tradições carolíngias passam a ser resgatadas e fundidas a elementos bizantinos. Assim como na arte bizantina, nesse período as relações de hierarquia e poder são representadas por meio da posição da figura e da escala.

Uma das obras mais importantes desse período é o crucifixo de Gereão, mandado construir pelo bispo de Colônia (Alemanha), para a abside da basílica da cidade. Embora a cruz já fosse um símbolo cristão, pela primeira vez Cristo era representado em sofrimento. Esse uso da tridimensionalidade que permite uma aproximação do fiel com a imagem foi praticamente pioneira dentro da cultura cristã ocidental.

Figura 9: Cristo lavando os pés dos apóstolos. Livro dos Evangelhos de Oto III, iluminado por volta de 1000. Bayerische Staatsbibliothek. Munique.

Arte Românica

O fim das invasões bárbaras trouxe para a Europa uma certa estabilidade. Ainda no período feudal entre os séculos XI e XIII, ocorreu na maior parte da Europa Central o estilo românico, como uma associação entre diferentes estilos regionais com alguns elementos extraídos das antigas formas da arquitetura clássica. A economia permanecera relativamente fechada e não havia incentivos para o aumento da produção, logo, as técnicas tradicionais se conservaram sem o desenvolvimento de novos processos.

O cristianismo triunfara em todo o território e o poder da igreja, baseado na fé, submetia todas as formas de cultura. Em razão do enfraquecimento das cortes, a Igreja tornou-se praticamente a única fonte de encomendas aos artistas.

Nesse período, as peregrinações aos lugares sagrados se multiplicaram e deram origem às Cruzadas, que pretendiam libertar a Terra Santa dos povos islâmicos.

Islâmicos e cristãos conviveram de forma relativamente pacífica na Terra Santa até que a partir do final do século XI povos islâmicos provenientes da Ásia Central tomaram Jerusalém e passaram a impedir o acesso dos cristãos. Em atendimento a um pedido do Papa Urbano II, foi organizada a primeira cruzada, uma marcha militar para a libertação da Terra Santa. A partir dessa investida, formou-se um poderoso exército internacional, que tinha por objetivo resgatar a Terra Santa do domínio dos mouros e, a partir daí, reunificar o mudo cristão (Oriente e Ocidente). Os nobres feudais também se interessaram, pois pretendiam, além de defender a sua fé, aproveitar essas marchas para novas conquistas territoriais e de bens. Desse modo, ocorreram muitas cruzadas entre os séculos XI e XIII. No final, os objetivos religiosos não foram alcançados, e Jerusalém permaneceu sob o domínio islâmico.

A partir daí, no mundo ocidental ocorreu um declínio do poder feudal, um aumento do poder real, e gradativamente as rotas comerciais voltam a se estabelecer, sobretudo no Mar Mediterrâneo (vale lembrar que a invasão dos povos islâmicos comprometeu, e muito, o comércio pelo sul da Europa). Houve um lento ressurgimento das cidades, de uma série de profissionais como os comerciantes e os artesãos e, com eles, reaparece uma classe média urbana.

No século XI a arquitetura religiosa alcançou uma notável expressão e desenvolvimento quando se ergueram alguns dos mais importantes exemplares da arquitetura do período: as grandes igrejas românicas. Essas construções se concentram numa região que abrange da Espanha à Alemanha (as mais representativas estão na França), encontrando-se exemplares também da Escócia, Inglaterra e outros.

Os templos românicos eram monumentais, com aparência de fortalezas, refletindo o domínio dos mestres canteiros nos trabalhos com as pedras. Nessa igrejas há um predomínio do uso da planta em cruz latina. A presença do arco romano (de volta inteira) também se torna uma marca dessas construções. Internamente possuem tetos com abóbadas de berço e de arestas. As fachadas passam a ser decoradas e ornamentadas com algumas esculturas.

Planta em Formato de Cruz Latina

A planta em cruz latina é aquela em que a nave (longo corredor por onde os fiéis entram na igreja) e cruzada transversalmente por outro corredor, junto à abside. Esse "desenho" estabelece uma relação entre o templo e ao Cristo crucificado: a nave é o corpo e o transepto representa os braços da cruz.

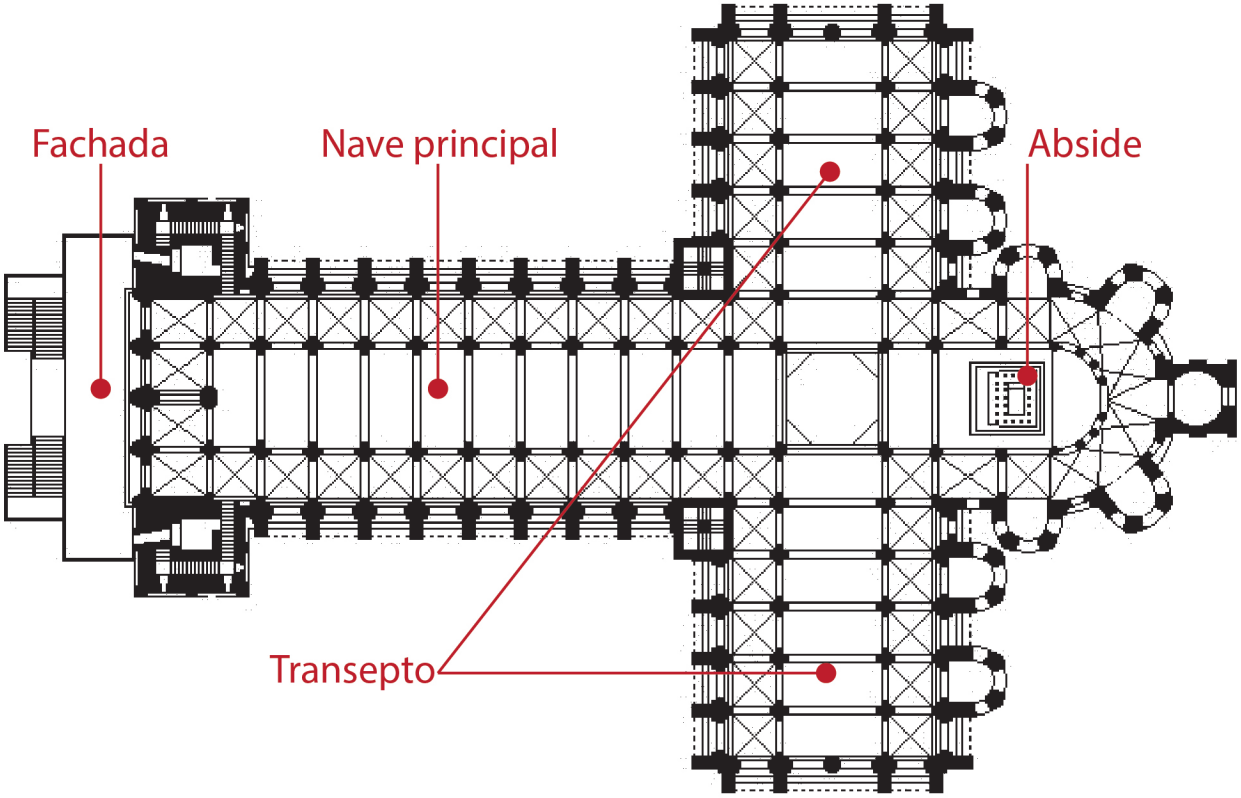

Figura 10: Planta em formato de cruz latina.
Fonte: Wikimedia Commons.

O românico marca ainda um retorno à escultura, visto que na Idade Média os períodos anteriores não haviam se dedicado tanto a essa prática artística, a não ser nos relevos e pequenas estatuetas. Mas agora ressurgiam as esculturas monumentais, aplicadas às fachadas de igrejas, com o objetivo de atrair o olhar dos fiéis peregrinos.

A escultura surge no período românico como elemento complementar à arquitetura.

Nas fachadas das igrejas, colunas e capitéis elementos decorativos esculpidos em pedra formavam relevos com motivos vegetalistas, animalistas, geométricos ou figurativos. Muitas vezes em capitéis, por exemplo, cada face poderia ser utilizada como um trecho de uma narrativa, configurando assim uma história sequencial. Posicionados sobre as portas de entrada das igrejas, os tímpanos de pedra se tornaram um espaço para a inserção de esculturas e relevos, onde era apresentadas, em geral, a figura de Cristo, ladeada pelos apóstolos, ou outras cenas bíblicas como representações ligadas ao Juízo Final (VEJA ILUSTRAÇÃO).

Nesses relevos, as figuras humanas apresentavam pouco realismo anatômico predominando a posição frontal, a formalidade e a rigidez dos gestos. As relações hierárquicas eram sempre representadas pelo tamanho e posição: Cristo ocupava sempre a posição central da composição

e sua figura era maior do que as demais. A estilização e a repetição de formas com variações mínimas para a diferenciação dos personagens eram algumas das características desse período.

Também as arquivoltas que emolduravam os tímpanos eram decoradas com motivos geométricos, com figuras humanas ou de animais, ou ainda alternando estes dois motivos.

Materiais como o marfim e a madeira, muitas vezes metais preciosos como o ouro e a prata, foram utilizados para a confecção de esculturas de menores dimensões. O bronze também foi aplicado na confecção de portas de igrejas e pias batismais e tampas de túmulos.

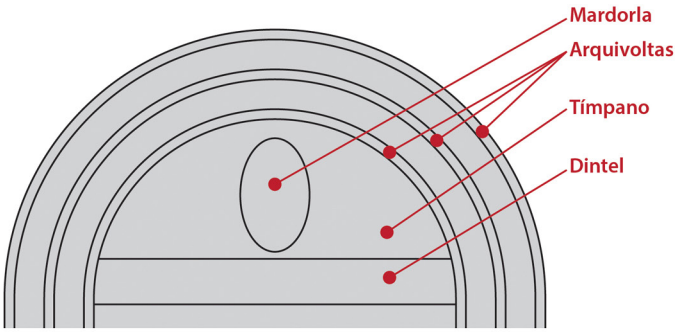

Figura 11: Tímpano da Igreja de San Rufino, Assisi, Itália. (à dir.)Elementos de um Tímpano.
Fonte: Wolfgang Sauber/Wikimedia Commons.

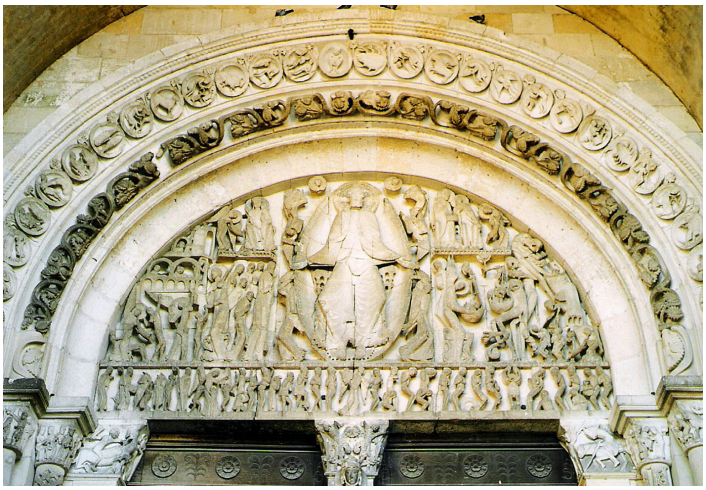

Figura 12: Tímpano do portal da Catedral de Saint Lazare, Autun, França.
Fonte: Lamettrie/Wikimedia Commons.

Figura 13: Relevos do deambulatório da Basílica de Saint-Sernin, França.
Fonte: Wikimedia Commons.

Com relação à pintura, o a arte românica não apresentou grandes mudanças se comparadas às produções carolíngia e otoniana. As iluminuras continuaram a ser largamente utilizadas na ilustração dos manuscritos.

A pintura desse período tem uma função predominantemente didática, buscando transmitir ao observador a mensagem cristã (especialmente para os que não sabiam ler). Aplicadas nas decorações de grandes murais, utilizando a técnica do afresco, essas obras não apresentavam uma grande preocupação com relação a proporções ou ao realismo. As figuras não esboçam traços de expressão ou de movimento, estão sempre em posições muito rígidas e predominantemente frontais. Não se observa uma preocupação com a representação de volumes ou de profundidade, o que só apareceria no final do período gótico, encontrando total aceitação a partir do século XV, com o Renascimento.

Figura 14: Cristo em glória ou entronizado, Afresco na Abside da Capela de São Miguel, de Tahull - Catalunha.
Fonte: Wikimedia Commons.

Afresco

Chamamos de afresco uma tradicional técnica de pintura utilizada sobretudo para a pintura de paredes e tetos. Nessa técnica, o artista aplica sobre a massa ainda molhada (pode ser gesso, nata de cal etc.) os pigmentos puros diluídos em água. Isso faz com que as cores penetrem na argamassa e integrem a superfície sobre a qual foi aplicada, sem formar uma camada sobre o suporte, como ocorre em uma pintura a óleo sobre tela, por exemplo. Um famoso afresco é o teto da Capela Sistina, em Roma, pintado por Michelangelo Buonarrotti (sec. XVI).

Fonte: http://goo.gl/J85Qmm.

Outras peças que passam a ganhar espaço nesse período é o retábulo. Inicialmente eram peças móveis, expostas sobre os altares em ocasiões festivas. Tinham pequenas dimensões e eram executados com metais preciosos e engastes de pedras preciosas em madeira. Posteriormente, os retábulos se tornaram fixos e foram usados para a exposição de relevos ou pinturas que exibiam representações da figura de Cristo, Maria e dos santos.

saiba

RETÁBULO: Retro (atrás) + tabula (mesa) = Retábulo

Retábulo é, portanto, uma estrutura que aparece atrás da mesa do altar. São, em geral, ornamentados, expõe uma figura sagrada sob a forma de pintura ou de escultura.

Os retábulos podem ser divididos em 3 partes: base (à altura da mesa do altar), corpo (o meio da estrutura, onde se expõe a figura sagrada) e coroamento (a parte superior).

Essas estruturas podem ser pequenas peças em madeira, em três partes articuladas (tríptico) com dobradiças (bastante recorrentes na Idade Média) e mais tarde, quando se tornam fixas, ganham dimensões monumentais, executados em madeira, pedra ou alvenaria, ocupando toda a parede atrás da mesa do altar.

Figura : trocar a legenda = Retábulo dedicado a Saint Andrew, 1420-30 na Catalunha, atualmente no Museu Metropolitan de Nova Yorque.

Muitos dos bens móveis produzidos nesse período e que estavam em castelos foram perdidos em razão de guerras, saques e pela própria dificuldade de conservação dos materiais. No entanto, alguns exemplares nos revelam a qualidade técnica e o uso da imagem para o registro de histórias, e a Tapeçaria de Bayeux (c. 1073-1083) é um desses. Trata-se de um longo tecido bordado (0,50 x 7,0m), realizado para contar como Guilherme, o conquistador, invadiu a Inglaterra.

Para Pensar

Veja como as narrativas bíblicas e outras pinturas medievais dialogam com formas de expressão dos nossos dias: a própria tapeçaria de Bayeux é também uma narrativa sequencial, assim como as nossas histórias em quadrinho contemporâneas.

Na Itália, as construções românicas apresentam uma forte influência da arte bizantina, como se pode verificar no complexo arquitetônico de Pisa, formado pela basílica, o campanário e o batistério.

A Arte Gótica e a era das Catedrais

Quando estudamos História da Arte é importante pensar que nada muda de um momento para o outro. Assim como nós, humanos, não passamos da infância para a adolescência e desta para a fase adulta de um dia para o outro, os estilos artísticos não tem propriamente um começo e um fim, com data marcada. Tudo é um processo e, principalmente, quando tratamos de períodos mais distantes de nós, como a Idade Média, por exemplo, é sempre bom lembrar que muitas vezes algo que já se tornou ultrapassado em uma região pode continuar sendo usado em outra, ainda por muito tempo. Por isso, quando estudamos os estilos do passado percebemos que eles duravam longos períodos. Isso sem contar aquelas influências que acabam por atravessar toda a História, como é o caso dos padrões de beleza dos gregos e romanos que atravessaram os séculos, chegando até os nossos dias.

Explore

ECO, Umberto. **História da Beleza.** 2a. ed. São Paulo: Record, 2012.

Neste livro o autor trata a respeito da influência dos padrões culturais sobre o conceito de beleza e discute as suas transformações através do tempo.

Voltando ao mundo medieval, vamos tratar a respeito do gótico, um estilo que se desenvolveu entre os séculos XII e XIV, ou seja, o final da Idade Média. Nesse período o mundo assistia ao fim do sistema feudal; as cidades estavam ressurgindo com a migração da população do campo para as zonas urbanas, o comércio se consolidava como uma grande atividade lucrativa e novos burgueses urbanos e banqueiros se fortaleciam passando a assumir posições políticas frente à nobreza e ao clero.

O termo gótico foi provavelmente adotado pelos renascentistas (século XVI) para designar a produção que os antecedeu, como um sinônimo de bárbaro (como já sabemos, um título genérico dado a todos os povos provenientes de regiões além dos Alpes).

Lembrando....

Na Idade Média os burgueses eram os moradores dos burgos e desenvolviam atividades ligadas ao comércio e à prestação de serviços. Formavam uma classe social pouco valorizada pela nobreza, mas que, com o passar do tempo, enriqueceu. Os burgueses ascenderam socialmente e passaram a se casar com membros da nobreza.

A arte gótica surgiu por volta de 1150, na Ile de France (Norte de Paris), onde se localizava uma rocha calcária bastante resistente e fácil de trabalhar. Um século mais tarde o estilo já havia se espalhado por diferentes regiões do norte ao sul da Europa. Em meados do século XV o gótico já entrara em declínio e no século XVI já estava praticamente superado.

saiba

A Organização do Trabalho no Tempo das Catedrais

Arnold Hauser em seu livro História social da Arte e da literatura (1998, p.248-257) explica que durante esse período surgem equipes, de artistas e artesãos assalariados, organizadas para a construção de grandes igrejas e catedrais. Esses grupos, chamados de lojas, eram liderados por profissionais (mestre de obras e o mestre pedreiro, o arquiteto) designados para realizar o planejamento artístico, administrar a obra, o fornecimento de materiais e mão de obra.

Criadas a partir do século XII, as lojas oferecem aos seus trabalhadores um local de trabalho. Desse modo, um escultor não precisaria ficar no canteiro de obras (a igreja em construção), sobre um andaime para entalhar um bloco de pedra, já assentado na parede. Ele teria um espaço próximo à obra (como um ateliê), no qual realizaria as suas tarefas para que estas, posteriormente, pudessem ser assentadas no local definitivo.

Foi também na Idade Média que surgiram as guildas, grupos profissionais formados para proteger a existência econômica de uma determinada atividade, sempre que essa pudesse ser ameaçada pela concorrência externa. As guildas possuíam estatutos como as associações de classe dos dias atuais. Além de controlar a produção quanto a quantidades, qualidade das matérias primas e produtos, as corporações também fixavam preços e cuidavam da formação dos profissionais.

Entre os artistas medievais a cópia era uma prática de aprendizagem, os jovens aprendizes acompanhavam os mais experientes iniciando seu aprendizado sempre na prática, realizando serviços mais pesados (desde transportar ferramentas, até o preparo e a limpeza de materiais) e gradativamente passavam a tarefas mais elaboradas. Esse aprendizado poderia se estender por vários anos. A capacidade de reproduzir fielmente um modelo muitas vezes era mais valorizada do que a inventividade. A realização de esboços a partir da observação da natureza somente se torna uma prática de estudo a partir do Renascimento.

Esses grupos destinavam parte de suas verbas à construção das igrejas e de outros prédios, logo, o renascimento das cidades também está ligado à ação das corporações que entre outras ações promoviam a reunião de pessoas em uma mesma região (pois proporcionavam oportunidade de trabalho), o que de certa forma favorecia inclusive o aumento das práticas de comércio.

Embora pudessem influenciar na administração das cidades, não eram ligadas ao governo e nem às cortes, mas sim prestadores de serviços.

O gótico tem suas bases na arquitetura, e é nas grandes catedrais que vamos encontrar alguns de seus elementos mais característicos.

Considera-se que a Abadia de Saint-Denis tenha sido a primeira construção de linhas góticas e que tenha servido de modelo para todas as demais igrejas do período. Essa construção foi uma proposta do abade Suger e envolveu toda uma estratégia para fortalecer o poder dos reis franceses.

Saint-Denis já era uma igreja antiga e tradicional: Carlos Magno e seu pai, Pepino, haviam sido sagrados reis naquele templo. Além disso, era o santuário do Apóstolo da França e, portanto, o protetor do reino.

Mas o abade reforma e amplia essa igreja lhe conferindo novas e arrojadas linhas, que a diferenciavam de tudo o que já se conhecia, transformando-a em um centro de peregrinação e "modelo" para muitas outras fundações religiosas na França e em toda a Europa que passaram a integrar a paisagem das cidades e não ficavam mais fechadas dentro dos muros dos mosteiros: surgiam as catedrais.

O caracterizava então essas novas construções?

O estilo gótico na arquitetura das igrejas se vê logo na fachada, com três portais, cada um desses dando acesso à sua nave respectiva, sendo a central, o principal. No alto da fachada, à altura do coro, uma grande janela redonda abriga a rosácea (janela redonda) com vitrais.

Figura 16: Fachada, interior e a exaltação da luz na rosácea da Catedral de Amiens – França – 1220-1288.
Fonte: Wikimedia Commons.

Estamos aqui em um momento que uma série de fatores concorrem para a transformação dessa arquitetura, entre eles questões técnicas. Nesse momento passa-se a utilizar os arcos ogivais (aqueles mais pontudos na região central). Esses arcos que partiam das colunas da igreja, se cruzavam no teto, formando um sistema de abóbadas nervuradas em seis partes. Esse sistema já vinha sendo testado desde o Românico, mas é na arquitetura gótica que encontra o seu esplendor, favorecendo a construção de prédios mais altos e visualmente mais leves. Externamente a igreja é apoiada por um sistema que associa arcos (arcobotantes) e maciços de alvenaria (contrafortes) que descarregam todo o peso da do telhado e paredes, conferindo assim estabilidade ao conjunto, como podemos observar na catedral de Notre Dame, de Paris.

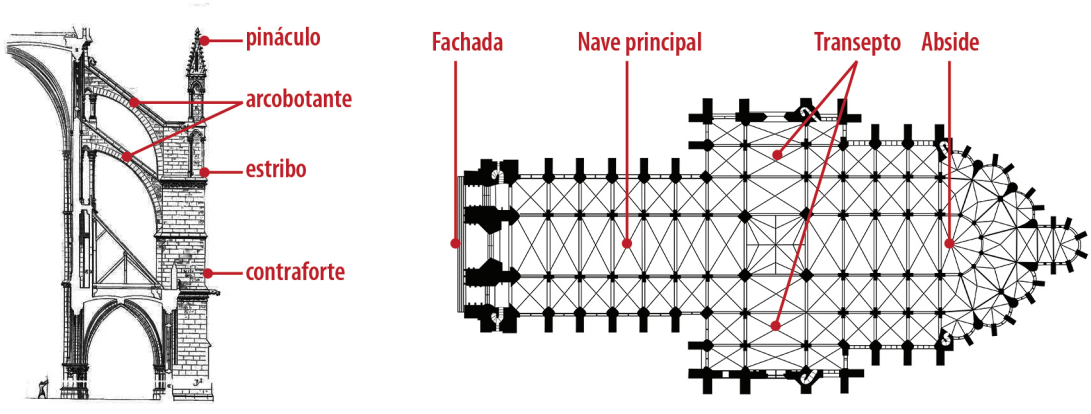

Figura 17: Planta da Catedral de Amiens.
Fonte: Wikimedia Commons.

Uma das marcas da arquitetura gótica é sem dúvida o uso dos vitrais. Essas igrejas são inundadas pela luz coloridas provenientes dos muitos vitrais de que se revestem as aberturas de suas paredes, desde a fachada, onde uma grande rosácea marca a entrada do templo, até o fundo da capela mor. Veja que as janelas com vitrais não tem função de ventilação, apenas de iluminação.

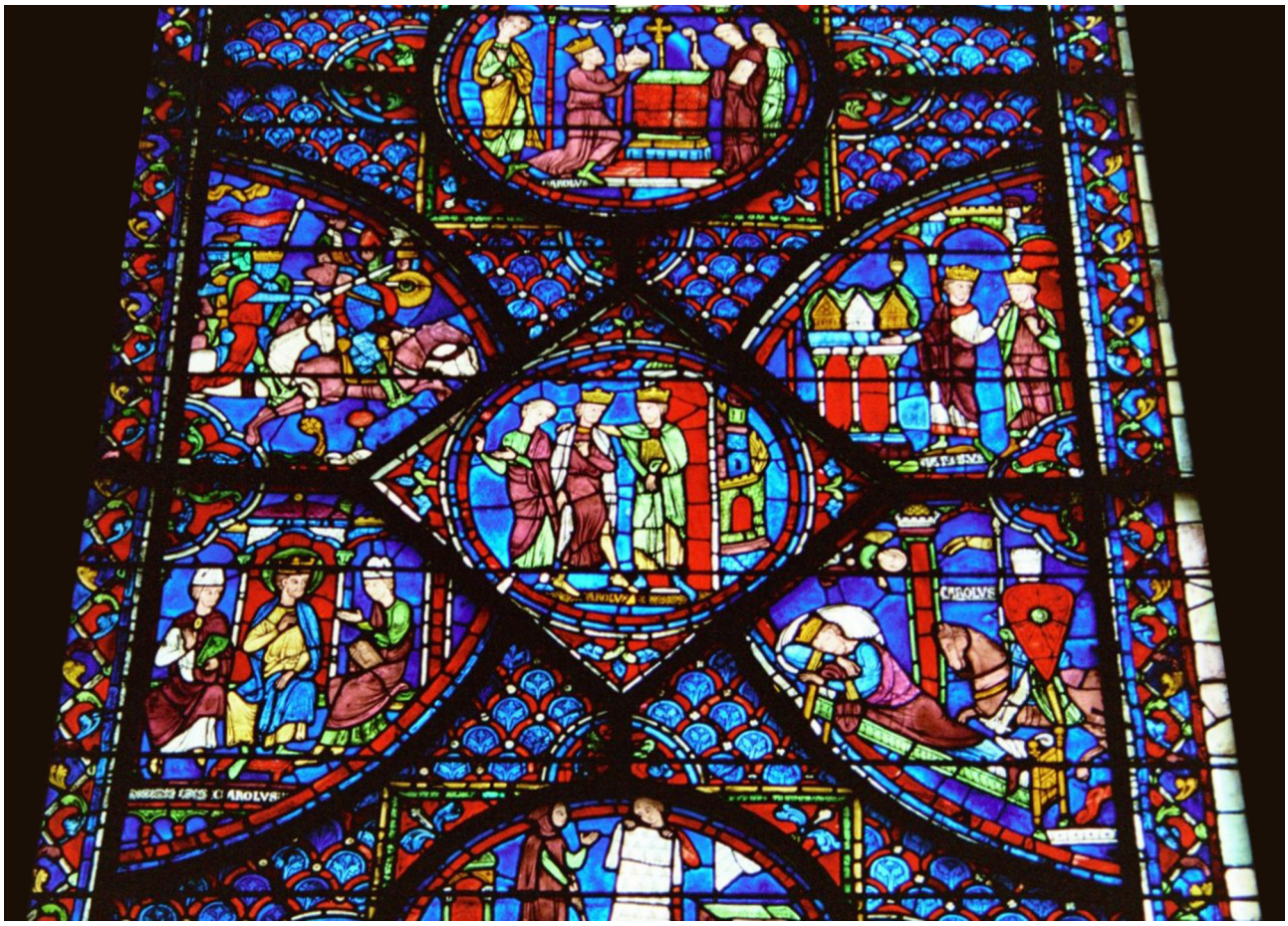

Figura 18: Catedral de Chartres - Vitrais.
Fonte: Wikimedia Commons.

Vale ressaltar que esses vitrais cumprem, de certa forma, a função das pinturas e mosaicos, visto que contém representações de cenas bíblicas e elementos simbólicos ligados à tradição cristã.

As catedrais góticas não pretendiam demonstrar a ação de uma igreja militante. Segundo E. Gombrich (1999, p. 189), seguindo as descrições do Apocalipse, nesse período a Igreja proclamava por meio de sermões e cânticos uma cidade celestial, com "ruas de ouro puro e cristal transparente". As catedrais góticas com suas paredes altíssimas e seus amplos espaços coloridos pela luz que as invadia através dos vitrais, simulava , ainda que de maneira figurada, essa imagem **de uma "Jerusalém Celestial" se materializando na Terra**. Essas imagens conduziam os fiéis a um estado de contemplação da beleza e uma "aproximação" em relação a um reino que estaria afastado da matéria. O pé direito muito alto sugere que o fiel é muito pequeno diante de todo sagrado, no entanto, essa presença de brilhos coloridos (as igrejas góticas nem sempre são muito claras) cria uma atmosfera mágica promovendo de forma simbólica um contato direto com a luz Divina.

Diversas igrejas podem exemplificar a arquitetura desse período, seja na França com exemplares como as catedrais de Chartres, Amiens, Beauvais, Rouen ou ainda em outras localidades como a Catedral de Salesbury, na Inglaterra, e a de Orvieto, na Itália.

Figura 19: Catedral de Orvieto – Itália.
Fonte: Wikimedia Commons.

Atenção

Não se engane!!!

O Neogótico foi um estilo que ocorreu na Europa entre o final do século XVIII e o início do século XIX, baseado em uma retomada da arte e da civilização da Idade Média, especialmente ligadas ao gótico. O Neogótico encontrou grande aceitação na Inglaterra, França, Alemanha, chegando à América, influenciando a arquitetura dos Estados Unidos, Canadá e até do Brasil.

Em diversas cidades brasileiras encontramos exemplares dessa arquitetura que chegou aqui com um certo atraso em relação à Europa. Algumas das primeiras construções neogóticas no Brasil foram a igreja do Santuário do Caraça, em Minas Gerais e a Catedral de Petrópolis, no Rio de Janeiro. Em São Paulo tivemos uma forte presença desse medievalismo tardio e um exemplo é a Catedral da Sé.

Portanto, não se engane: a catedral metropolitana de São Paulo é baseada no gótico, mas não é gótica, inclusive porque envolve vários elementos que correspondem a outras tradições, até mesmo orientais, como é o caso do uso de mosaicos.

A escultura nesse período ainda mantém uma forte ligação com a arquitetura, porém, aos poucos, se desprende das estruturas (relevos em capitéis, colunas etc.) e a partir do século XIII as formas se tornam mais alongadas passando a ganhar maior expressividade, naturalismo e independência em relação ao plano (as esculturas deixam cada vez mais a ligação com o relevo e ganha volume).

Figura 20: Porta de entrada da Catedral de Chartres, na França.
Fonte: Wikimedia Commons.

Figura 21: Esculturas do portal da Catedral de Magdeburgo, As Três Virgens.
Fonte: Wikimedia Commons.

Na Itália, mais do que em qualquer outro lugar, as esculturas se aproximaram dos modelos clássicos, como se pode ver nas obras de Nicola Pisano (c. 1220-1284) e seu filho Giovanni Pisano (c. 1250-1315).

Figura 22: A Virgem e o Menino – escultura de Giovanni Pisano – 1305-1306.
Fonte: Wikimedia Commons.

Figura 23: Púlpito da Catedral de Pisa – Giovanni Pisano.
Fonte: Wikimedia Commons.

A entrada das igrejas passou a ser ainda mais povoada de esculturas do que no período românico: tímpanos e obreiras das portas (os pilares que ficam nas laterais da porta) eram ricamente trabalhados com figuras extraídas do Velho e do Novo Testamentos.

Figura 24: Catedral de Reims – França – c. 1225-1245 - detalhe das esculturas da fachada.
Fonte: Szeder László/Wikimedia Commons.

A temática da Virgem Maria se torna recorrente não apenas nas grandes catedrais como também em igrejas menores. Imagens de Cristo crucificado, de Nossa Senhora com o Menino (Madona), ou com o Cristo morto nos braços (Pietá), eram encontradas também nas residências das famílias mais ricas e dos aristocratas, em oratórios, constituindo assim objetos de devoção.

Com relação à pintura, como vimos, em muitas igrejas góticas os grandes afrescos cederam lugar aos vitrais, técnica esta que já vinha sendo desenvolvida desde o período românico.

Também as iluminuras continuam a ser trabalhadas durante o período gótico. Gradativamente surge uma intenção de se representar a profundidade.

A pintura adquire maior força na Itália, no final do século XIII. Na Toscana surgem nomes como os de Cimabue[2] (1240-1302) e de Duccio (1255-1319). Ainda não são os elaborados sistemas de representação desenvolvidos no Renascimento e no Barroco, mas Giotto di Bondone (1303-1305) tenta inserir a perspectiva em suas obras. Ao sobrepor os corpos e explorar as linhas da arquitetura nas cenas representadas, esse pintor que havia sido descoberto pelo mestre Cimabue, já resgata em seus afrescos um certo realismo na arte de transpor o espaço para o plano.

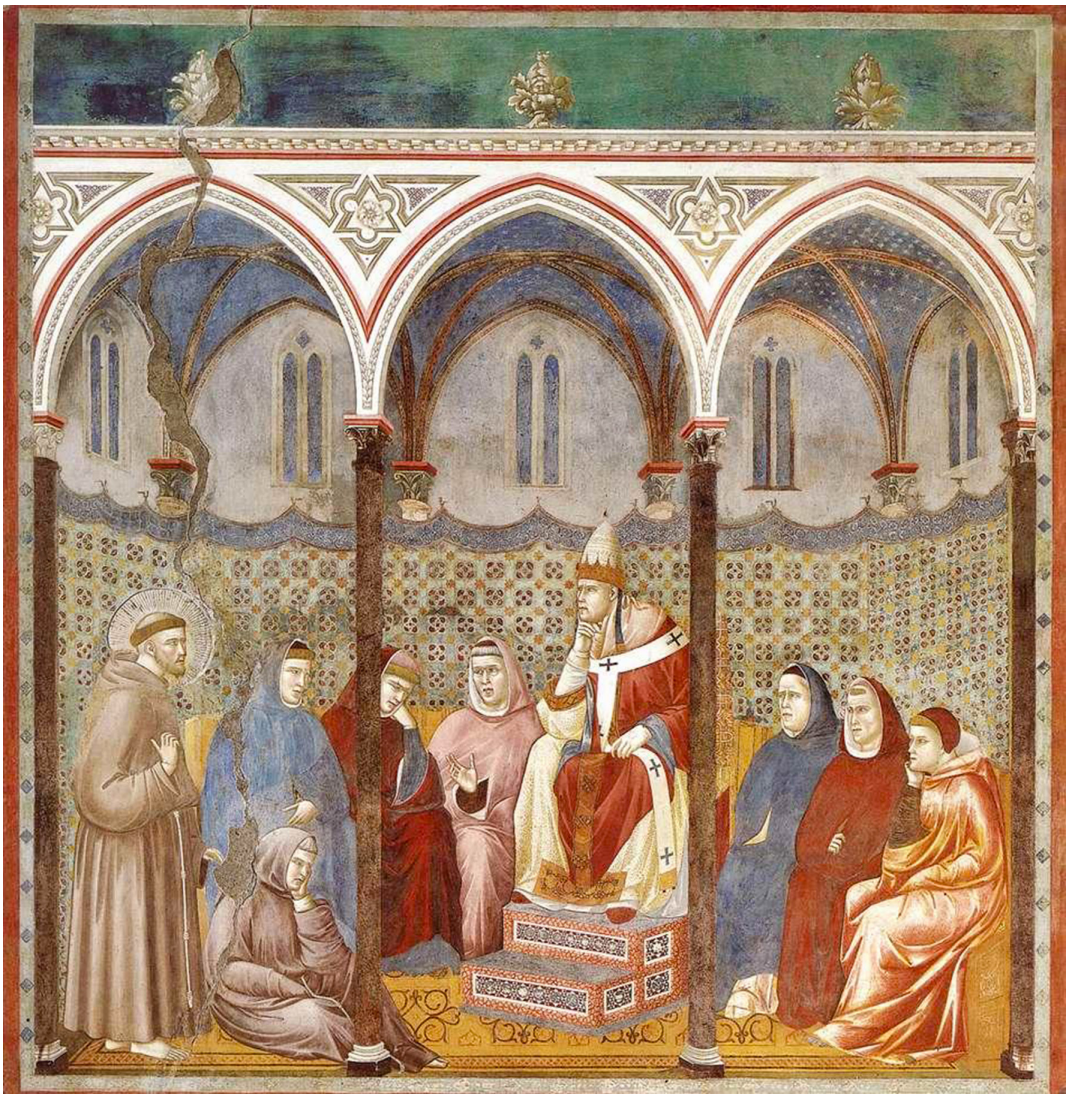

Figura 25: Basílica Superior de São Francisco, Assis – Giotto.

2 Cimabue (1240-1302) foi um importante pintor de Florença. Suas obras guardam uma profunda ligação com a tradição bizantina. Foi mestre de Giotto di Bondone.

Figura 26: Adoração dos Magos, Capela dos Scrovegni, Pádua – Giotto.

As pinturas de retábulos também foram muito presentes na arte gótica. Foi recorrente nesse período o uso de painéis articulados, unidos por dobradiças para essa função. Os painéis exibiam imagens de santos e cenas, podendo constituir até mesmo uma narrativa formada por duas (díptico), três (tríptico), ou mais partes (polípticos).

Executadas em geral em têmpera sobre painéis de madeira (dípticos ou trípticos), essas obras empregavam cores vibrantes, explorando as representações de diferentes tipos físicos, trajes e ambientes que se aproximavam do cotidiano do homem medieval. Também aqui algumas noções de perspectiva passam a ser aplicadas na representação dos espaços, sobretudo no que diz respeito às obras que tinham como temática cenas da vida dos personagens sagrados. Para entender melhor, olhar as obras de artistas como Simone Martini, ou ainda os irmãos Pietro e Ambrogio Lorenzetti.

A pintura italiana também teve reflexos na produção que ocorreu ao Norte dos Alpes, e gradativamente as duas tradições se fundiram, criando uma tendência internacional.

A sensação de profundidade criada nessas pinturas era até então inédita. Artistas como Melchior Broederlam trabalharam com o arredondamento das formas e sombreados que favoreciam a ilusão de volumes. Na Itália, o nome de Gentile da Fabriano se destacou como um dos mais importantes pintores de retábulos do gótico internacional. Os artistas do Norte europeu, especialmente os flamengos[3], também ficaram famosos pelo preciosismo conferido a cada detalhe de suas obras, o que lhes conferia um maior realismo. Os trajes eram apresentados com panejamentos[4] volumosos, que davam maior graça, elegância e movimento às figuras. Essa tendência não se restringiu apenas às pinturas de painéis, mas também às iluminuras. Um excelente exemplo é conjunto de iluminuras realizadas pelos irmãos Limbourg para um livro de orações que pertenceu ao irmão do rei da França, o duque de Berry.

Figura 27: Gentile da Fabriano - A adoração dos magos - 1423 - Painel - 2,99x2,81m Galleria degli Uffizi – Florença.
Fonte: Wikimedia Commons.

3 Eram denominados flamengos aqueles provenientes de Flandres, uma região que hoje corresponderia ao norte da Bélgica. Foi uma região importante como centro comercial, além de um importante produtor de manufaturas têxteis.

4 Chamamos de panejamento ao conjunto de panos que vestem as figuras pintadas ou esculpidas e como o artista representa as pregas e o caimento desses tecidos.

Figura 28: Irmãos Limbourg - Riquíssimas horas do Duque de Berry - (conjunto e detalhe: Janeiro) - 1415 - iluminuras - Museu Condé – Chantilly. Fonte: Wikimedia Commons.

Já no século XV, em um momento em que a Itália já vivia o Renascimento, o Norte europeu conheceu artistas que ainda guardavam os traços da tradição gótica, porém utilizando recursos que caracterizariam a pintura da Renascença como a perspectiva linear, o claro-escuro para criar volumes. Muito provavelmente o fato de a região de Flandres manter fortes relações comerciais com banqueiros e mercadores de localidades como Florença e outras pode ter possibilitado também trocas no mundo da arte, com a migração de concepções estéticas e técnicas.

A obra de Jan Van Eyck (1390-1441) é um reflexo dessa realidade social e artística. Van Eyck vinha de uma família de pintores e em parceria com seu irmão, Hubert van Eyck (1366-1426) pintou retábulos belíssimos, como o Cordeiro Místico, executado entre 1425 a 1432 para a catedral de São Bavão, em Gand, obra esta em que demonstram o seu domínio das técnicas de pintura e da própria perspectiva.

Figura 29: Retábulo do Cordeiro Místico, 1426-1432, Jan van Eyck (vistas do retábulo fechado e aberto) – Catedral de São Bavão – Gand, Bélgica.

Em O casal Arnolfini, Van Eyck nos apresenta um retrato de Giovanni Arnolfini, que era um comerciante italiano e que estava em Flandres a negócios, acompanhado de sua noiva, Jeanne de Chenany. Nesse retrato, que provavelmente representa a união do casal, vemos Arnolfini e sua noiva de mãos dadas em uma pose muito solene.

A obra é repleta de detalhes, Van Eyck, meticulosamente, apresenta a cena com um preciosismo de detetive que atinge até o fundo do quarto onde se encontram: lá um espelho, emoldurado por cenas da Paixão de Cristo, apresenta o reflexo de todo o ambiente, inclusive das pessoas que testemunham a união e, acima do espelho, escreve na parede "Johannes de eyck fuit hic" (Jan van Eyck esteve aqui), como uma prova de que ele próprio teria participado daquele momento.

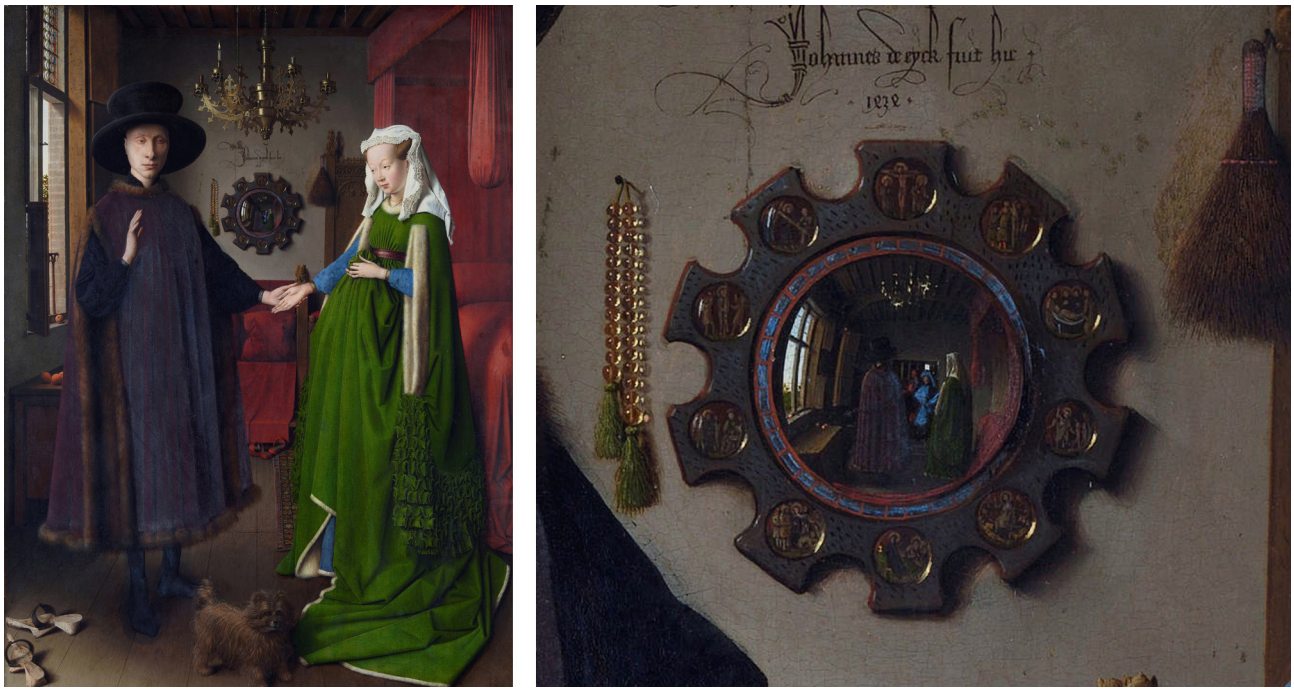

Figura 30: Jan van Eyck - O casal Arnolfini, 1434 - óleo sobre madeira – National Gallery, Londres. Detalhe do espelho.

Acredita-se que o pintor Jan Van Eyck tenha criado a técnica pintura a óleo. Até então a técnica mais utilizada para a pintura de painéis e imagens era a têmpera, um procedimento que emprega uma emulsão preparada com gema de ovo, à qual se agrega o pigmento (matéria que confere cor à tinta).

Existe ainda a possibilidade de se preparar essa emulsão com materiais artificiais utilizando-se cola ou goma arábica, como aglutinantes, em lugar do ovo, mas não na época de Van Eyck.

A têmpera foi muito usada na História da Arte até o século XV, quando foi praticamente substituída pela tinta a óleo, que tem uma secagem mais lenta e, portanto, oferece maior liberdade para o artista. Desse modo, o artista poderia se deter sobre os detalhes, permitindo-lhe assim a elaboração de um registro meticuloso, como vemos na obra Nossa Senhora do Chanceler Rolin.

Figura 31: Jan van Eyck – Nossa Senhora do Chanceler Rolin - 1436 – óleo sobre tela –Museu do Louvre.

Assim como Van Eyck, outros nomes podem ser destacados nesse ambiente artístico: o Mestre de Flémelle e Rogier van der Weyden, entre outros.

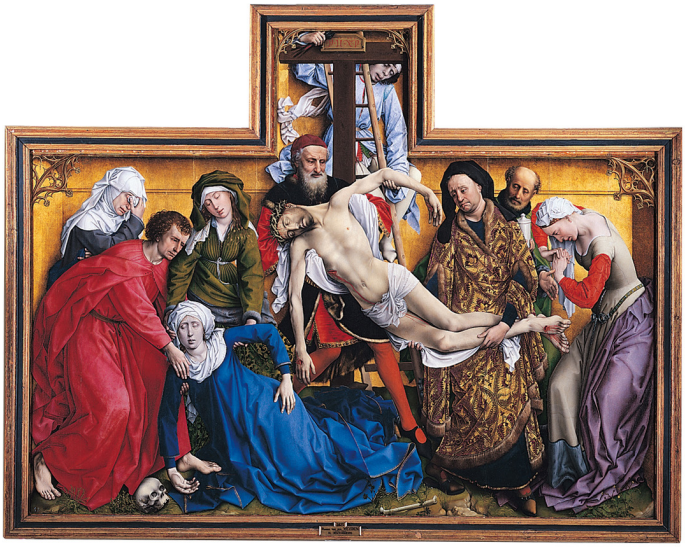

Figura 32: ROGIER VAN DER WEYDEN, Deposição da Cruz c. 1435 – óleo sobre madeira - Museo del Prado, Madrid.

Pense

A pintora surrealista espanhola Remedios Varo (1908-1963) radicou-se no México, onde desenvolveu uma intensa produção em pintura na primeira metade do século XX. Faça uma rápida busca pela internet, visite o seu site oficial (http://remedios-varo.com/) e localize imagens das obras dessa importante artista do Surrealismo. Compare as suas obras com as do gótico internacional e reflita a respeito da influência de estilos do passado na produção dos artistas dos nossos dias.

A representação naturalista gótica voltou-se para a forma humana ressaltando o aspecto individual. O princípio da frontalidade foi abolido e a representação artística buscou a ilusão da realidade. Os homens concluíram, enfim, que não existe uma única verdade.

O estilo gótico foi o último estilo da Idade Média e, portanto, ligado ao pensamento teocêntrico, segundo o qual tudo o que acontecia estava relacionado à vontade divina; era baseado na fé.

As transformações da sociedade ocorridas nesse período, que como pudemos verificar nesta unidade tiveram seus reflexos na arte, abriram espaço para que um novo período se descortinasse na historiografia artística, o Renascimento, quando o humanismo leva a uma valorização do Homem e da razão.

Explore

Você pode saber mais a respeito de outras técnicas de artísticas consultando o livro:

SMITH, Ray. **Manual prático do artista – equipamentos, materiais, procedimentos, técnicas.** São Paulo: Ambiente e costumes, 2008.

Material Complementar

O cinema tem explorado largamente a Idade Média como tema de seus filmes.

Algumas produções conseguiram, com certo sucesso, recriar o espírito da época. Você poderá conferir, assistindo algumas das sugestões a seguir:

- **Cruzada.** Dir.: Ridley Scott. EUA, Reino Unido, Espanha, Alemanha: Fox Filmes, 2005. 1 DVD (144min).

  Um nobre é inserido no universo dos conflitos que envolviam o domínio de Jerusalém na época das Cruzadas.

- **Os pilares da Terra.** Canadá e Alemanha, Tandem Communications / Muse Entertainment Enterprises / Scott Free Productions 2010. (4 DVDs)

  Minissérie baseada em romance homônimo de Ken Follett. Embora seja uma ficção é uma interessante reconstituição do mundo medieval na Inglaterra do século XII, apresentando um pouco do contexto político, econômico e social, abordando os desafios enfrentados pelas comunidades medievais entre eles, como erguer uma catedral. (distribuição: Paramount)

Também as redes de televisão tem produzido materiais a respeito da história da arte.

- **O Enigma das Catedrais Góticas** - Confira este documentário exibido pela National Geographic Channel. Aqui você poderá conhecer os sistemas construtivos aplicados pelos antigos mestres para erguer as grandes catedrais que dominaram a paisagem das cidades europeias na Idade Média.
- **O Enigma das Catedrais Góticas -** Dir. Scott Tiffany. EUA/France, Providence Pictures, 2010 (45 min). Disponível em: http://youtu.be/GE2RduIJpvE. Acesso em 02 fev.2014.

Referências

FARTHING, S. **Tudo sobre arte.** Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

GOMBRICH, E. H. **A História da Arte.** 16. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 2000.

HAUSER, A. **História social da Arte e da Literatura.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

JANSON, H.W., JANSON, A. F., E. **Introdução à História da Arte.** 3. ed. WMF São Paulo: Martins Fontes, 2009.

PRETTE, Maria Carla. **Para entender a Arte: História, Linguagem, Época, Estilo.** São Paulo: Globo, 2008.

SMITH, Ray. **Manual prático do artista – equipamentos, materiais, procedimentos, técnicas.** São Paulo: Ambiente e costumes, 2008.

Anotações

Educação a Distância
Cruzeiro do Sul Educacional
Campus Virtual

www.cruzeirodosulvirtual.com.br
Campus Liberdade
Rua Galvão Bueno, 868
CEP 01506-000
São Paulo SP Brasil
Tel: (55 11) 3385-3000

Universidade Cruzeiro do Sul

UNICID Universidade Cidade de S. Paulo

UNIFRAN Universidade de Franca

UDF Centro Universitário

Módulo Centro Universitário